



Michelle é lançada e manda carta

Internada, ex-primeira-dama não vai à convenção do PL que confirmou sua candidatura ao Senado e frustra encontro com enteado

» ARMANDO HOLANDA

Se Michelle Bolsonaro, a convenção do Partido Liberal oficializou, ontem, a candidatura da ex-primeira-dama ao Senado pelo Distrito Federal, ao lado da deputada federal Bia Kicis. Cercado de expectativas, o Parque da Cidade serviu de termômetro para o que pode ser esperado nos próximos 60 dias pela sigla do ex-presidente Jair Bolsonaro.

Apesar da ausência de uma das principais estrelas do evento, a convenção reuniu integrantes da cúpula do PL e aliados da direita. Entre eles, a governadora do Distrito Federal, Celina Leão (PP), candidata à reeleição ao Palácio do Buriti, que subiu ao palco ao lado dos candidatos e reforçou a aliança construída entre o PP no DF e o grupo bolsonarista. Também participaram do ato parlamentares da bancada do partido e dirigentes da legenda. **Leia mais na página 13**

Internada no hospital DF Star com um quadro de cefaleia, Michelle não participou da convenção. Em seu lugar, o irmão e primeiro suplente de sua chapa ao Senado, Diogo Torres, leu uma carta na qual a ex-primeira-dama reafirmou a candidatura e agradeceu ao presidente do PL, Valdemar Costa Neto, pelo período em que esteve à frente do PL Mulher.

“Há mais de 10 dias eu enfrentava uma forte crise de enxaqueca. Meu corpo pediu que eu parasse, mas o meu compromisso com vocês não parou. Eu não poderia deixar este dia passar em silêncio. Hoje começa uma caminhada para devolver esperança e futuro ao nosso povo. (...) Meu galego é a maior liderança da direita brasileira. Foi assim que entendi que a política não é algo distante”, disse um trecho da mensagem.

Ao longo do texto, Michelle também buscou associar sua trajetória pública ao período em que ocupou o Palácio do Planalto. “A política é uma ferramenta poderosa. Nas mãos erradas, castiga. Nas mãos de pessoas de bem, transforma. Como primeira-dama, tive uma missão e um propósito. E, ao cumpri-los, descobri que a boa política tem o poder de mudar vidas”, escreveu.

Na reta final da carta, a ex-primeira-dama fez um gesto aos principais nomes da chapa do PL no Distrito Federal e manifestou confiança na vitória do grupo. “Se

Deus permitir, nossa chapa majoritária com Flávio, Bia, Celina e eu será vencedora”, afirmou, citando o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), pré-candidato à Presidência; a deputada Bia Kicis, candidata ao Senado; e a governadora Celina Leão, que buscará a reeleição ao GDF.

Flávio também comentou a ausência da madrastra. Ao falar sobre o estado de saúde de Michelle, comparou o quadro a um episódio vivido por uma de suas filhas e desejou pronta recuperação. “Minha filha teve um episódio parecido com esse. Desejo melhoras pra Michelle”, declarou.

Sem a presença da ex-primeira-dama, coube aos aliados reforçar o discurso de unidade e dar o pontapé inicial na campanha. Dirigentes do PL evitaram tratar a ausência de Michelle como um revés político e atribuíram o esvaziamento ao estado de saúde da candidata. O ato marcou oficialmente o início da campanha da legenda no Distrito Federal e evidenciou a estratégia do partido de apresentar uma frente unificada entre os candidatos locais e a candidatura presidencial de Flávio Bolsonaro.

Aceno

O filho 01 do ex-presidente destinou parte do seu discurso ao eleitorado mais conservador da sigla ao dizer que vai lutar pela redução da maioridade penal, em especial, aos que abusarem sexualmente de mulheres. Nessa mesma fala, Flávio defendeu a castração química de estupradores. O senador enfrenta resistências do eleitorado feminino e a situação se agravou dias depois de um aliado, o influencer Paulo Figueiredo, que está nos Estados Unidos, dizer que mulher não sabe votar. O amigo do primogênito de Jair segue uma retórica plantada por parlamentares da extrema direita em Washington que buscam retirar direitos das mulheres garantidos às custas e muita luta.

Para tentar se distanciar desse discurso, o filho do ex-mandatário tem levado sua mulher, a odontóloga Fernanda Bolsonaro, aos eventos. Nesse domingo, em Brasília, ele disse que ela o ajudará a ser um bom presidente, caso seja eleito.

Paraíba

Mais cedo, o parlamentar esteve em João Pessoa, na Paraíba,

Ed Alves/CB/D.A. Press



Ao lado da mulher, Fernanda, e da deputada Bia Kicis, Flávio Bolsonaro desejou melhoras à madrastra e fez discurso ao eleitorado feminino

Ed Alves/CB/D.A. Press



Celina subiu ao palco e reforçou aliança entre o PP e o grupo bolsonarista

para o lançamento da candidatura do senador Efraim Filho (PL-PB) ao governo do estado. Durante o discurso, Efraim citou uma das suas propostas de governo, que é transferir os presídios do bairro de

Mangabeira, na Zona Sul de João Pessoa, para áreas remotas e utilizar o espaço para construir conjuntos habitacionais.

“Eu quero fazer casas para dar teto a todas as famílias no Cariri,

Reprodução/Redes Sociais



Hospitalizada com um quadro de enxaqueca, Michelle mandou recado

no Alto Sertão, no Brejo, no Curimatá, no Litoral Sul, no Litoral Norte”, disse o candidato. Efraim é egresso do União Brasil, partido que Flávio tenta trazer para sua base na campanha presidencial, mas

que já declarou optar pela neutralidade nacional, assim como o Progressistas da ex-ministra Tereza Cristina, que recebeu convite para ser sua vice, mas foi rifada pela decisão do partido.

Pesquisas divergem de planos de Valdemar

» LUÍZA ALTOÉ

Em outubro, o Senado Federal passará por uma renovação de dois terços das suas cadeiras. Cada cidadão poderá votar em dois senadores para as 54 vagas que serão abertas. Diante dessa oportunidade, o plano do PL é eleger a maior bancada da Casa Alta para dar andamento a pautas de interesse, como o impeachment de ministros do Supremo Tribunal Federal (STF).

Nesta semana, o presidente do PL, Valdemar Costa Neto, estimou que o partido elegerá 28 senadores. No entanto, o otimismo do chefe do partido contrasta com a realidade das pesquisas. Cruzamento feito pelo **Correio** com os últimos resultados mostra que nove candidatos do PL seriam eleitos e outros quatro estariam empatados com outras siglas, ainda podendo reverter o cenário.

Em um cenário otimista, em que todos obtenham êxito, seriam 13 senadores eleitos pelo PL em 2026. Esse número se soma ao de oito senadores que permanecem na Casa até 2030, tendo em vista que foram eleitos em 2022 e seguem com mandatos de oito anos. Nesse cenário, a bancada do PL na Casa seria de 21 senadores. Um número que ainda está abaixo dos três quóruns necessários para aprovação de matérias no Senado.

Para a aprovação de projetos, é

necessário o voto da maioria simples, ou seja, 41 senadores. Para a aprovação de Emenda à Constituição (EC), 49 parlamentares. No caso do impeachment de ministros do STF ou presidente da República, depende-se do voto favorável de 54 senadores.

O vice-líder do PL no Senado, Izalci Lucas (PL-DF), está otimista com uma mudança desse cenário. “Eu acredito que vai crescer ainda e vamos fazer realmente uma boa bancada”, afirmou ao **Correio**. Na avaliação dele, as atuais pesquisas são um retrato de um momento no qual muitos dos eleitores ainda não definiram seus senadores. A perspectiva, segundo ele, é que, com a aproximação de outubro, os números mudem.

Porém, o cenário atual já aponta para algo que deve se concretizar: o PL dependerá das alianças com outros partidos para ter o andamento da pauta de impeachment. O Novo, por exemplo, que defende publicamente a destituição de ministros do cargo, pode eleger dois senadores em um cenário otimista, o que ajudaria nos planos do bolsonarismo. No entanto, para garantir o andamento dessa agenda, a sigla terá que convencer mais partidos.

Carlos Eduardo Borenstein, doutor em ciência política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), avalia que a necessidade

Raphela Peixoto/CB/D.A. Press



Otimista, o presidente do PL estima que a sigla elegerá 28 senadores

de aliança com outras siglas ainda se soma a outros fatores, como a conjuntura. “Eu acho que o bolsonarismo dificilmente vai ter maioria, e ele ainda dependeria de outros partidos e do clima político, que vai ser influenciado também pela condução de agenda de um próximo governo”, explicou.

Com um eventual quarto mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), a pauta do impeachment tende a perder tração, ainda que surjam novos acontecimentos, como os do Banco Master, que aumentaram as críticas da população

contra o Supremo. Com uma eleição de Flávio Bolsonaro (PL), a depender da condução que ele escolher seguir, a matéria tende a ganhar força.

Ainda a própria presidência do Senado também tem poder de veto sobre a matéria, se desejar. Com o senador Davi Alcolumbre (União-AP) comandando a Casa nos últimos dois anos, o impeachment de ministros da Corte não entrou na pauta, independente do apelo de senadores. Um novo presidente em 2027 pode alterar o cenário. No entanto, nos bastidores, Alcolumbre já se articula para se manter no poder.



O bolsonarismo dificilmente vai ter maioria, e ele ainda dependeria de outros partidos e do clima político, que vai ser influenciado também pela condução de agenda de um próximo governo”

Carlos Eduardo Borenstein, doutor em ciência política da UFRGS

Para além do PL, segundo um levantamento feito pelo partido Novo em 2025, o União Brasil, o Podemos, o Progressistas (PP) e o Republicanos têm grande parte da bancada do Senado favorável ao impeachment do ministro Alexandre de Moraes. Pesquisas atuais mostram que o União poderia eleger sete senadores, por exemplo, o que pode favorecer os planos do PL. No entanto, o segundo partido que se destaca no maior número de senadores a serem eleitos é o MDB.

Borenstein ainda alerta que um Senado formado em sua maioria por partidos historicamente ligados à direita não é garantia de um impeachment de ministros. “Tem muito senador que é de direita e que, não necessariamente, vai aderir a essa pauta, que na verdade é bolsonarista”, avaliou.

Gustavo Ribeiro, mestre em ciência política pela Sorbonne, apontou ao **Correio** que o PL pode estar querendo garantias de um Centrão que, atualmente, caminha para não se comprometer com o apoio de Flávio à Presidência. “A oposição conta

sua bancada pelo rótulo ideológico, mas o impeachment exige disciplina de bancada — e disciplina é exatamente o que o Centrão está se recusando a vender”, analisou.

Ainda é cedo

A maré ainda pode mudar para o PL. Ribeiro alerta que as atuais pesquisas apontam mais para o nível de lembrança do senador na memória do eleitorado, do que a intenção de voto. “Pesquisa para Senado em julho não traduz cenário nenhum. O eleitor simplesmente não está prestando atenção. Corrida para o Senado se decide nas últimas semanas e talvez dias”, explicou.

No mesmo sentido, Borenstein avalia que, no momento, o eleitor está mais atento à eleição presidencial. “Somente após a definição do voto para presidente e para os governos estaduais é que vai se pensar na eleição para o Senado. E tem muitos eleitores que vão saber muito próximo da eleição que eles terão que votar em dois senadores”, comentou.